

# Uma contribuição peirciano-quântica para o estudo da literatura

Lino Machado

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO: O tema do trabalho abaixo é a inter-relação de duas complexas noções do real: a filosófica de Charles Sanders Peirce e uma das várias conceituações da realidade possíveis no interior da Física ou Mecânica Quântica (a de Werner Heisenberg). Ao proceder assim, o objetivo geral do nosso estudo é o de elaborar um *modelo de real multifacetado*. Como objetivo específico, pretendemos testar a hipótese de que tal modelo é capaz de lidar com a dimensão literária, que sempre se tem mostrado plural, ao longo da sua manifestação através dos milênios. No processo, fomos obrigados a criar o novo conceito de “potencialidade de objeto(s)”. Como metodologia, seguiremos a lógica imposta quer pelos conceitos da filosofia de Peirce quer pelos da Mecânica dos *quanta*.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia e Literatura. Ciência e Teoria literária. Noção de real – Filosofia e Literatura.

ABSTRACT: The theme of the present article is the interrelation between two complex notions of the concept of real: the philosophical, by Charles Sanders Peirce, and one of the various possible concepts of real within Physics or Quantum Mechanics (by Werner Heisenberg). In doing so, the general

objective of our study is to elaborate a *model of a multifaceted real*. As a specific objective, we intend to test the hypothesis according to which such model is capable of dealing with the literary dimension, that has always been plural, along its manifestation through the millennia. In the process, we have felt obligated to create a new concept, “potentiality of object(s)”. As a methodology, we will follow the logic imposed either by the concepts of Peirce’s philosophy, either by the ones of Quantum mechanics.

KEYWORDS: Philosophy and Literature. Science and Theory of Literature. Concept of Real – Philosophy and Literature.

## 1. Introdução brevíssima

No texto a seguir, apresentamos *apenas uma parcela* (a que julgamos mais relevante para o contexto presente) de uma pesquisa mais extensa<sup>1</sup>, na qual buscamos aproximar duas concepções de realidade: a da filosofia triádica de Charles Sanders Peirce e uma das diversas visões do real viáveis no âmbito da Física ou Mecânica Quântica, nomeadamente a de Werner Heisenberg, um dos criadores dessa teoria nos anos 1920, no interior do grupo que se tornou célebre sob a nomenclatura *Escola de Copenhague*. Tanto Peirce quanto Heisenberg retomaram a noção de *Dýnamis* (ou *Potentia*), da Física de Aristóteles: o primeiro para elaborar a sua noção de Primeiridade (PEIRCE, apud IBRI, 1992, p. 44)<sup>2</sup>, o outro para esclarecer o difícil conceito de “função de onda” da Mecânica Quântica.

---

<sup>1</sup> Trabalho intitulado *Um modelo peirciano-quântico para a literatura*, desenvolvido como Licença para Capacitação, de 26 de novembro de 2012 a 25 de fevereiro de 2013, na Ufes.

<sup>2</sup> Mais à frente, citaremos uma passagem de Peirce que remete à obra de Aristóteles,

A partir da inter-relação filosófico-científica acima, procuramos evidenciar como o quadro resultante, por estranho que pareça à primeira vista, é adequado para o enfoque da matéria literária, de natureza também multiface, sempre difícil de definir, constantemente apta a atrair novas abordagens.

## 2. Peirce e alguns dos seus muitos conceitos

Várias são as definições de Charles Sanders Peirce para o signo. De acordo com uma das mais simples, *signo* é algo (um primeiro) que, de algum modo, se acha no lugar de outro elemento (um segundo, chamado *objeto*), gerando um novo componente (um terceiro, dito *interpretante*) (PEIRCE, 1977, p. 46; PEIRCE, apud SAN-TAELA, 1995, p. 25).

A perspectiva de Peirce é triádica: baseia-se no pressuposto de que os nossos processos mentais se revelam completos apenas quando envolvem três fatores. Mesmo a realidade como um todo mostraria esse triadismo. Por volta de 1867, ele começou tratando esses

---

entre mais autores. Antes do Estagirita, segundo F. E. Peters, a ideia de potencialidade apareceu em Anaximandro, em termos de jogo de opostos (como quente e frio) associados às coisas; em Anaxímenes, na distinção entre as coisas e as suas qualidades (potências, propriamente); em Anaxágoras, outra vez frisando a tensão dos opostos; em Platão, com a concepção de que as potências (*dýnameis* e também *pathe*) existem antes de o *Nous* [Espírito] iniciar a sua obra, a qual redundando na criação dos corpos primordiais, terminando as qualidades sensíveis reduzidas “às formas geométricas das partículas elementares” (PETERS, 1983, p. 58-61). Na *Metafísica* (1045b-1046a, 1048a-b, 1049a-1050a), também Aristóteles se valeu da noção de potencialidade (PETERS, 1983, p. 59), tratando da passagem desta à atualidade (*enérgeia*, *entelekhéia*), o que influenciaria diversos pensadores e cientistas na sua posteridade, inclusive Heisenberg nos anos 1950, como veremos. Em termos peircianos, a potencialidade se acha mais próxima da Primeiridade; a atualidade, da Secundidade. Claro, não é preciso ver nestes paralelos correspondências perfeitas, que se deem ponto a ponto.

fatores como categorias fenomenológicas, nomeando-as mais tarde *Primeiridade*, *Secundidade* e *Terceiridade* (um *cenopitagorismo*, de acordo com a extensa terminologia do autor norte-americano) (PEIRCE, 1972, p. 135-146).

*Primeiridade* é a categoria das *experiências monádicas*, sensações e qualidades: odores, sons, cores, prazeres, etc., quando experimentados completos em si mesmos. A *Secundidade* já requer dois elementos em contato recíproco. Conforme Peirce, trata-se de “*experiências diádicas* ou *recorrências*, sendo, cada uma, uma experiência direta de um par de objetos em oposição” (apud PIGNATARI, 1987, p. 37). Por fim, a *Terceiridade* exige, de novo nos termos de Peirce, “*experiências triádicas* ou *compreensões*, sendo, cada uma, uma experiência direta que liga outras experiências possíveis” (apud PIGNATARI, 1987, p. 37). Esta última é a categoria que institui a ligação entre os fenômenos, mediando-os graças a alguma *lei* ou *continuidade*.

Abreviando, chegamos ao trio de definições: 1) *Primeiridade*: âmbito do possível, do qualitativo, do sensível; 2) *Secundidade*: faixa da ação, do factual, do conflito; 3) *Terceiridade*: setor da consciência, do pensamento, da necessidade, do hábito, da lei.

De um modo ou de outro, a literatura trata do *mundo*, mesmo quando pareça não fazê-lo (voltando-se para si mesma, em perquirição metalinguística ou autorreferencial). Assim, das tricotomias relativas aos signos, a que mais importa aos nossos propósitos é a segunda, atinente às relações entre os signos e os seus *objetos*.<sup>3</sup> Ela se compõe de signos icônicos, indiciais e simbólicos (cf. PEIRCE, 1977, p. 74-76):

---

<sup>3</sup> A tricotomia relativa à classificação do signo em relação a si mesmo é a do qualissig-

- 1) *Ícone*: o signo da analogia, da similaridade com o seu referente, denotando, ao menos, um traço em comum com este. O relativo isomorfismo entre ambos não pressupõe obrigatória natureza visual; tal isomorfismo tampouco deixa de existir no caso de a semelhança de um com o outro ser “ajudada por regras convencionais”, segundo o pensador (PEIRCE, 1977, p. 65). São ícones: quadros, desenhos, imagens, diagramas, esquemas, onomatopeias, comparações, metáforas.
  
- 2) *Índice*: apresenta ligação direta, causal, com o seu objeto, tendo com este nexos tão fortes que atraem a nossa atenção para ele. É o signo que aponta para alguma coisa ou a assinala de feição direta. Tal ligação decorre de características naturais; entretanto, aceita-se que há conexões indiciais baseadas em elos fixados culturalmente: ainda as “regras convencionais” em ação. Contam-se entre os índices, resultantes de ações naturais ou não: fumaça (aviso de fogo), pegadas, sintomas, ponteiros de relógio, setas, sinais de pontuação, numerais ordinais, pronomes pessoais, demonstrativos e relativos, advérbios de lugar e tempo, datações, nomes próprios, grifos e mais realces de vocábulos, metonímias.
  
- 3) *Símbolo*: reporta-se ao seu objeto por intermédio de convenção, lei imposta ou associação de ideias, de caráter arbitrário. Boa parte do léxico de uma língua é formada de símbo-

---

no, do sinsigno e do legissigno (cf. PEIRCE, 1977, p. 52). A tricotomia concernente à definição do signo em relação ao interpretante é a do rema, do dicente (ou dicissigno) e a do argumento (cf. PEIRCE, 1977, p. 53-55).

los, porque as ligações entre os significantes e os significados das palavras (na conceituação binária de Saussure) raramente se baseiam em relações de similaridade ou de contiguidade factual: as primeiras, características dos ícones; as segundas, dos índices naturalmente criados.

Antes de abordar, todavia, o signo artístico (sobretudo o de teor literário), precisamos deter-nos na noção de objeto. Este, para Peirce, se divide em imediato e dinâmico (ou mediato) (PEIRCE, 1977, p. 162-163):

- 1) *Imediato* é o objeto que se encontra mais disponível no signo, residindo no “interior” deste (por assim falar), sendo gerado pelo objeto *dinâmico*, que, situado no “exterior” do signo, é o autêntico impulsionador da *semiose* (ação do signo). Na existência diária, temos melhor acesso às *coisas* (concretas ou não) do mundo tão-só à medida que as significamos: assim, o objeto imediato acaba resultando da manipulação mental a que somos induzidos a submetê-las, como seres semióticos.
  
- 2) Conforme antecipado, o objeto *dinâmico* (ou *mediato*) é o que de fato provoca (ou determina) a *semiose*<sup>4</sup>. Aproximamos desse tipo de objeto apenas ao passo que o transforma-

---

<sup>4</sup> “Quando Peirce afirma que o signo é determinado pelo objeto, isso nos leva a pensar que o objeto tem primazia ‘real’ [...] sobre o signo. No entanto, na forma ordenada do processo triádico, o objeto é um segundo em relação ao signo que é um primeiro. Primazia ‘real’, portanto, não se confunde com primazia lógica, visto que, embora o signo seja determinado pelo objeto, este, por sua vez, só é logicamente acessível pela mediação do signo. Em síntese: o signo determina o interpretante, mas ele o determina como uma determinação do objeto” (SANTAELLA, 1995, p. 38).

mos em signo, ou seja, objeto imediato, com maior ou menor refinamento.

Na sua acepção cotidiana, é fácil ter o conceito de objeto em mente, se pensarmos em entidades como “martelo”, “papel”, “sol”, “micróbios”, etc. Mais difícil é ligar a noção em causa, na sua acepção “dinâmica” (peirciana), a vocábulos como “palinódia” (título de um poema de Manuel Bandeira, que discutiremos) e “teogonia” (que, pluralizado, surge no poema em causa). O problema maior não é que tais palavras sejam inusuais, como são, mas carregarem sentidos que não parecem enviar a nada mais “palpável”, como se remetessem tão só a significados. Elas enviam, no entanto. Vejamos como.

“Palinódia”: retratação, em geral feita num poema, desdizendo (“desconstruindo”, diríamos hoje) o que foi dito em outro, de um mesmo autor. Na definição, temos significados (de signos) aludindo a significados (de signos), *embora já com objetos dinâmicos nela implicados*. Quando se efetiva de fato, uma palinódia se torna objeto dinâmico, localizável no mundo (aliás, em vários lugares). Assim ocorre com inúmeros signos verbais, que, de início, pareçam remeter a algo sem existência real no planeta.

“Teogonias”: estas também se efetivam, ainda que não dando, deveras, “nascimento” aos deuses e ao cosmo, conforme o sentido do termo. Como, então? Nas mentes dos que as criaram (e ainda as criem) e nas dos que as manipulem (como Hesíodo, Bandeira e os seus leitores), mentes que se inserem em nosso universo, com os seus cérebros carregados de *neurônios*, efetuando *sinapses*, em *trabalho eletromagnético e químico* bem complexo, envolvendo tudo isto, pois, a *concretude*. (Ao fim e ao cabo, a atividade psíquica não

se desliga do *restante* do real.) De um modo ou de outro, chega-se sempre aos objetos dinâmicos, para além dos significados e significantes (saussurianos) dos signos.

O tipo de exercício praticado nos dois parágrafos acima é passível de ser realizado com mais signos verbais de acepção “abstratizante”. Basta paciência e boa vontade, para acharmos neles objetos dinâmicos.

Associado ao objeto há a questão da *vagueza*, uma das inúmeras contribuições de Peirce. Ele foi mesmo um dos desbravadores no estudo da “lógica do vago” (CHAUVIRÉ, 1995, *passim*; PINTO, 1995, p. 34-36; TIERCELIN, 1995, p. 77-82). De acordo com o filósofo, “um signo é *objetivamente vago* na medida em que, ao deixar a sua interpretação mais ou menos indeterminada, ele reserva para algum outro signo ou experiência possível a função de completar a determinação” (PEIRCE, *apud* PINTO, 1995, p. 35-36. Destaque nosso).

Linguístico ou de outra espécie, não existe signo (ou conjunto de signos) que dê conta plenamente do seu objeto. Deste cuida a segunda tricotomia, como vimos. Nela, “o caminho do símbolo para o ícone [...] faz-se na direção da extensão” (PINTO, 1995, p. 35). Segundo tal estudioso, o conceito de *extensão* tem conexão com o que o pensador norte-americano “chama de *breadth* (amplitude, significado, referência)” (PINTO, 1995, p. 34-35). A via do ícone para o símbolo dá-se de modo inverso: “O ícone, ao contrário, é muito mais vago em sua singularidade [...]. Pode-se dizer, assim, que um ícone sugere muito mais do que diz”, o que o relaciona à noção de “*depth* (profundidade, sentido, significância)”, sendo por tal motivo que Peirce “alinha o ícone na categoria [...] da Primeiridade [...], que é a instância do virtual, do potencial, do indizível” (PINTO, 1995, p. 34-35). Situado entre os conceitos de ícone e símbolo, por sua



vez, o índice é a modalidade semiótica que procura compensar o que Peirce apontou como “objetivamente vago” num signo. Vinicius Romanini fala de modo impressivo do papel da indicialidade, entre os polos da determinação e da indeterminação, na semiose: “Como um alfinete que usamos para indicar um lugar no mapa, o índice tem a capacidade de selecionar a ocorrência de um conceito geral [...]. E como o índice se conecta existencialmente com o assunto que ele denota, então também a proposição se conecta a esse assunto”<sup>5</sup>. Em suma, o vago é delimitável, contível, porém não abolível. (Coeva de Peirce na segunda metade do século XIX, a tendência artística do Simbolismo fez até da vagueza deliberada um ponto fulcral da sua estética, a qual influenciaria os começos da carreira do modernista Manuel Bandeira, autor de poemas que analisaremos.)

Rumemos, entretanto, ao interpretante. Para Peirce, o mesmo é imediato, dinâmico e final (PEIRCE, 1977, p. 164).

- 1) Interpretante *imediato*: concerne às *possibilidades interpretativas* do signo, ao *potencial* de sentido que existe já na nossa mente, desde que possuamos um conhecimento mínimo do objeto dinâmico, real (transformado em imediato), a que o signo envia.
- 2) Interpretante *dinâmico*: remete às possibilidades interpretativas *efetivamente selecionadas* ao longo do processo de uso do signo, extraídas do depósito de virtualidades significativas do interpretante imediato.

---

<sup>5</sup> “Semiótica de Peirce / Minute Semeiotic”. Disponível em: [www.minutesemeiotic.org/?p=38&lang=br](http://www.minutesemeiotic.org/?p=38&lang=br). Acesso em: 31 maio 2013.

- 3) Interpretante *final*: diz respeito ao esgotamento das possibilidades interpretativas do signo.

Na realidade, pelo exposto, podemos deduzir o seguinte: o *objeto imediato* e o *interpretante dinâmico* tendem a confundir-se. Elaboramos interpretações *específicas, singulares, localizadas*, de objetos que, para quem os focar, são já *versões* (objetos imediatos) de algo (objeto dinâmico).

Para os propósitos do nosso trabalho, será interessante lidarmos com outras contribuições do filósofo da semiótica: a do contínuo (sinequismo) e a da abdução. (Depois retomaremos as suas três categorias, decisivas para o cotejo entre Peirce e a Mecânica Quântica).

Sobre a primeira noção, Peirce afirma: “A palavra *synechism* é a forma inglesa do grego *synechismós* de *synechés*, contínuo” (apud IBRI, 1992, p. 62). Eis um verdadeiro princípio para o pensador:

Em obediência ao princípio [...] de *continuidade*, segundo o qual devemos imaginar as coisas contínuas na medida em que o possamos, realce-se que devemos supor uma continuidade entre os caracteres da mente e da matéria, tal que a matéria nada seria senão mente que teve seus hábitos cristalizados, fazendo-a agir com um alto e peculiar grau de regularidade mecânica e de rotina. (PEIRCE, apud IBRI, 1992, p. 62. Destaque nosso).

A uma leitura apressada, a passagem ora em foco parece conter um apelo ao subjetivismo, pois colocaria na nossa imaginação a capacidade de sustentar a ideia de sinequismo, solicitando-nos a aptidão de presumir a continuidade que atuaria entre as coisas do

mundo (incluindo aqui a mente). Não é esta interpretação subjetivista, porém, o intento de Peirce. O filósofo segue argumentando: “Todos nós temos alguma ideia de continuidade. Continuidade é fluidez, a fusão de partes em partes” (PEIRCE, apud IBRI, 1992, p. 62). Abordando a passagem, Ivo Assad Ibri procura esclarecer o assunto: “Antevê-se que *continuidade se refere à generalidade e não a uma pluralidade de indivíduos [visão típica do nominalismo, que Peirce criticava], numa provisória interpretação do que possa ser fusão de partes em partes [...] afeita assim à Terceiridade*” (IBRI, 1992, p. 62. Destaque nosso). Um novo trecho de Peirce enfatiza o ponto: “Se todas as coisas estão em *continuidade, o universo deve estar passando por um contínuo crescimento, [...] da não-existência à existência. Não há nenhuma dificuldade em conceber a existência em uma questão de graus*” (PEIRCE, apud BRESSAN<sup>6</sup>).

Passemos à *abdução*. Ela implica a problemática dos argumentos.

Estirando-se por decênios, a teorização peirceana acerca do que, em lógica, se denominam *argumentos* experimentou reformulações, mormente no que diz respeito às distinções entre *indução, dedução, hipótese e abdução*: estas duas últimas ora eram sinônimas, ora se diferenciavam (SANTAELLA, 1992, p. 84-98). O que almeja o conceito de abdução afinal, no *corpus* peirciano? Ela busca esclarecer, de modo não trivial, um fato surpreendente, com base na *conjectura* de que tal fato seria compreensível se houvesse algo verdadeiro que o explicasse. Em geral, a inferência abdutiva é uma adivinhação audaciosa, que conduz quer a desacertos quer a descobertas surpreendentes.

---

<sup>6</sup> Sinequismo, humano e interatividade. Disponível em: [www.encipecom.metodista.br/...php/Comunicação\\_e\\_Tecnologias\\_Digitais](http://www.encipecom.metodista.br/...php/Comunicação_e_Tecnologias_Digitais). Acesso em: 26/07/2012, às 19h.

No terreno das letras, a abdução tem aplicação em, ao menos, duas conhecidas situações: a) o da crítica literária propriamente dita (por exemplo, perguntar-se-ia um hipotético crítico do início do século XX: “Este livro *Cinza das horas*, de Manuel Bandeira, que surge ‘agora’ (1917), revela um *autêntico poeta*, para além dos seus débitos com o Simbolismo? Sim, porque...” e b) o da análise interna deste ou daquele texto (por exemplo: “O vocábulo final ‘Primeva’, do poema ‘Palinódia’, do Bandeira maduro, terá alguma relação fônica *efetiva*, trocadilhesca, com “Prima Eva”? Decerto, porque...”).

### 3. Paralelo entre Peirce e a Física Quântica

Retornemos agora às grandes categorias do filósofo, rumando ao possível cotejo da sua filosofia com a Mecânica Quântica.

Ora, mesmo que Peirce tenha começado, em torno de 1867, por tratar as suas três categorias apenas como fenomenológicas, com o tempo ele se foi convencendo de que a Primeiridade e a Terceiridade são tão reais, existentes nas suas esferas próprias, quanto a Secundidade que os nossos sentidos percebem, ainda que essas duas realidades (ou aspectos da grande realidade) mostrem naturezas bem diversas da que, em geral e unilateralmente, atribuímos ao universo, condicionados que estamos aos aspectos mais evidentes da segunda categoria (TIERCELIN, in HUISMAN, 2001, p. 755-760, esp. p. 757-759; IBRI, 1992, p. 55-56).

Peirce pode estar correto ao considerar a realidade como algo triádico, caso raciocinemos em termos de Física Quântica (sobretudo a da Escola de Copenhague: Niels Bohr, Werner Heisenberg, Erwin Schrödinger, Louis de Broglie, Wolfgang Pauli, Max Born, Paul Dirac). No interior desta notou-se, desde os anos 1920 (quando tal escola se con-

solidou), que, nos domínios atômico e subatômico, a *matéria conhecida do universo* exibe um duplo comportamento, de natureza que, ao bom senso, soa como contraditória (contraintuitiva, “não visualizável”), mesmo para os cientistas da área: a *dualidade onda-partícula* (que também caracteriza a luz, como Einstein começou a perceber em 1905).

Para fins de comparação, partículas (prótons, elétrons, nêutrons, quarks, glúons, etc.) equivalem ao que, no cotidiano, reputamos como matéria: entidades definidas, pontuais, bem localizadas. Ondas de matéria (ou *funções de onda* ou *ondas de possibilidade*) são fatores muito diferentes, porque *não são elementos físicos!* Falando de outro jeito: quando é onda, a matéria é “tão somente” *possibilidade* (*superposição, coexistência de estados ou localizações* da matéria ordinária), algo ainda não físico, que subsiste não em nosso espaço quadridimensional (espaçotempo), mas sim no *espaço de Hilbert* (conceituação que celebra o matemático de mesmo nome dos sécs. XIX e XX), com mais dimensões.

Segundo a Escola de Copenhague da década 1920, até o instante em que se efetue uma *observação* (ou *medição*), um objeto quântico “existe em todos os estados possíveis simultaneamente” (KAKU, 2007, p. 152). Se almejarmos saber qual o estado individual desse objeto, necessitamos *observá-lo*, o que leva tal coexistência de *possibilidades* (a função de onda referida) a adquirir realidade concreta, definida – fato que, no linguajar dos físicos, é chamado *colapso da função de onda* ou *redução de estado*. Enquanto não se der tal colapso, a simultaneidade de “todos os estados possíveis” se acha em *superposição*.

Expliquemos em termos mais sumários (envolvendo apenas dois fatores informacionais: 0/1) o que costuma ser um *quantum*, em contraste com coisas comuns, visualizáveis, chamadas “clássicas”.

Um macro-objeto assim clássico (esta revista que você lê, o nosso planeta, etc.) existe “aqui” (0) ou “ali” (1), não em ambos os locais: trata-se da lógica binária (alternativa 0 ou 1, um *bit* da Teoria da Informação Clássica), que rege o nosso cotidiano. Já um objeto atômico ou subatômico (um *quantum*), antes de alguma *medição*, revela a possibilidade de estar “aqui” (0) e “ali” (1) ao mesmo tempo (superposição 0 e 1, um *q-bit* da Teoria da Informação Quântica, que se vem desenvolvendo desde os anos 1970).

Participamos da matéria conhecida do universo (quarks, glúons, elétrons, etc.); assim, cada um de nós é constituído de partículas (ou corpúsculos) que têm esse duplo caráter: ou são coisas minúsculas, localizadas aqui e agora (0 ou 1), detectáveis como clássicas, ou “apenas” possibilidades de ser (0 e 1). Destas possibilidades emergem os objetos do mundo aos quais atribuímos a total realidade, que, no esquema peirciano do real, é apenas *parcela* (Secundidade) *do todo*. (Conforme adiantamos, a luz também é dual: ora revela-se como onda, ora como partícula. Esta dualidade já lhe fornece o caráter estranho que define todos os entes da Física Quântica).

Chamemos outra vez o filósofo norte-americano à arena do debate.

A indeterminação é um fator importantíssimo, que sustenta a aproximação da Escola de Copenhague (que arquitetou a Física Quântica na década de 1920) ao filósofo norte-americano. Este ponto muito relevante foi notado por Karl Popper: trata-se do *indeterminismo*, que iria tornar-se um dos conceitos fundamentais da Mecânica Quântica, uma concepção desenvolvida, mormente, por Werner Heisenberg, elaborador, em 1927, do famoso Princípio de Indeterminação (ou Incerteza), que agora leva o seu nome. Não escapou a Popper o paralelo entre o americano e o alemão: “[...] se

é verdadeiro o indeterminismo de Peirce, ou de Heisenberg, ou alguma outra forma dele, então o puro *acaso* desempenha um papel principal em nosso mundo físico. *Mas é o acaso realmente mais satisfatório do que o determinismo?*” (POPPER, 1975, p. 198). Triádico, na esteira de Hegel e de quantos o precederam, Peirce argumentaria que, como fator isolado, ele não é suficiente para explicar o “mundo físico”, pois, na sua noção de realidade (ou seja, de universo), são obrigatórios três ingredientes: o citado *acaso* (também associado à noção de *tiquismo*), a *existência* e a *lei*, não apenas o primeiro. O próprio Einstein não aceitava bem (ou de todo) a introdução do *acaso*, do aleatório no âmbito da física, algo mais do que natural para Peirce. As duas Teorias da Relatividade einsteinianas (a Restrita e a Geral) não incorporam o indeterminismo nos seus escopos, sendo, pois, Clássicas, perante a Mecânica Quântica.

Ainda de acordo com Peirce, a lei ou Terceiridade evolui (cresce): assim, ao procurarmos captar esse nível do real, achamo-nos numa condição em que o “nosso conhecimento nunca é absoluto, mas é como se sempre flutuasse em um *continuum* de incerteza e indeterminação” (PEIRCE, apud IBRI, 1992, p. 52). Ressaltando afirmações como esta, Ivo Assad Ibri notou no pensamento de Peirce, como o fizera Popper, “já no século XIX, uma antecipação de que contemporaneamente se denomina *indeterminismo*” (IBRI, 1992, p. 52), sem, todavia, aproximá-lo muito da problemática quântica<sup>7</sup>, ainda que o contrapondo certamente a Einstein (IBRI, 1992, p. 45; p. 47).

---

<sup>7</sup> “[...] ele [Peirce] antecipa, em plena vigência da Mecânica de Newton no século XIX, o reconhecimento atual de um princípio de *acaso* presente nos fenômenos afeitos à *estrutura da matéria*” (IBRI, 1992, p. 1992. Destaques nossos).

A nosso entender, em termos do paralelo que vamos estabelecendo, a *Primeiridade* de Peirce corresponderia ao domínio das *funções de onda* ou *ondas de possibilidade*, com vigência no *espaço de Hilbert*; a *Secundidade*, à esfera das *partículas* localizadas, detectadas; a *Terceiridade*, ao terreno das *Leis* que regem as Físicas Quântica e Clássica, evidentemente: o setor das *Generalidades* (que, para o filósofo, é por igual um modo de manifestação da realidade, não apenas construção intelectualizada de seres como os humanos). Chegamos, pois, a um *modelo de real multifacetado*, peirciano-quântico.

Ao tratar da noção de Primeiridade, Peirce teve atrás de si a antiga ideia de *Dýnamis* (ou *Potentia*, em tradução latina), da *Física* e da *Metafísica* de Aristóteles, entre outras ideações. Um trecho peirciano que mostra o quanto ele deve ao Estagirita e a mais autores o seu próprio *tiquismo* (doutrina que enfatiza o *papel do acaso no universo*, não obstante neste haver leis) é o seguinte:

É estranho como muitas pessoas terão uma dificuldade em conceber um elemento sem lei no universo, e que podem, talvez, ser tentadas a considerar a doutrina da regra perfeita da causalidade como uma das crenças instintivas originais [...]. Longe disto, ela é uma noção [...] absolutamente moderna, uma inferência perdida das descobertas da ciência. Aristóteles [*Física* 195b 31-198a 13] frequentemente afirma que algumas coisas são determinadas por causas enquanto outras ocorrem por acaso [*tyché*]. Lucrecio [*De rerum natura*: Livro II 1.216-93], seguindo Demócrito, supõe que seus átomos primordiais desviam-se de trajetórias retilíneas de modo fortuito, sem qualquer razão para tanto. Para os an-



tigos, nada havia de estranho em tais noções; [...] estranho teria sido considerar que não havia acaso. Assim, não é necessário supor uma necessidade interna de crença na causalidade perfeita, se não encontramos quaisquer fatos para sustentá-la (PEIRCE, apud IBRI, 1992, p. 44. Destaque nosso).

Em termos de categorias fenomenológicas, o lugar do acaso é a Primeiridade peirciana. Esclarecendo a trama dos conceitos de pensador, Julio Pinto afirma: “Pode-se [...] pensar nela [Primeiridade] como uma *possibilidade* (no sentido de uma qualidade *ainda não atualizada* ou realizada [...]), um *potencial* [...]” (PINTO, 1995, p. 42. Destaque nosso). A potencialidade, que Aristóteles foi um dos antigos a enfatizar, interessava a Peirce *para além da primeira categoria*, contudo: “[...] uma lei é um fato geral, contanto que se admita que o geral encerra sempre uma parcela de *potencialidade*” (PEIRCE, apud PINTO, 1995, p. 57. Destaque nosso). Comentando este passo peirciano, diz Julio Pinto: “[...] em sua generalidade, o terceiro tem a ver com o mundo *potencial da qualidade* e com o mundo *factual dos existentes* [...]” (PINTO, 1995, p. 57. Destaque nosso).

Ao que parece ignorando o interesse de Peirce pela potencialidade, Werner Heisenberg valeu-se da noção de *Dýnamis-Potentia*, buscando alargar a nossa concepção de real, no interior da Física Quântica, acrescentando, na década de 1950, algo importante à formulação da Escola de Copenhague de 1920, liderada por Niels Bohr. Relata assim tal aspecto Osvaldo Pessoa Jr.:

Heisenberg desenvolveu, nos anos 50, uma interpretação que enfatizava alguns pontos não desenvolvidos por Bohr.

[...] Heisenberg passou a sustentar que a função de onda [...] exprime uma *potencialidade*, no *sentido aristotélico*, relacionada a uma *propriedade “objetiva”* que independe do estado de conhecimento do observador. [...] A respeito dos “saltos quânticos” (colapsos), da “transição do ‘possível’ ao ‘real’ [que] ocorre durante o ato de observação”, Heisenberg [...] enfatizou que ela “toma lugar tão logo a interação do objeto com o instrumento de medida (e, portanto, com o resto do mundo) tenha se realizado” (PESSOA Jr., 2003, p. 96. Destaques nossos).

Tendo em vista tudo o que foi dito acima, sentimo-nos obrigados a propor a noção de *objeto(s) em potencial* ou – como iremos preferir – *potencialidade de objeto(s)*, algo distinto quer do objeto *imediatos* quer do *dinâmico* (clássico) de Peirce. Tal proposta também se tornou necessária ao pensarmos a problemática literária no âmbito da semiótica. E a noção em causa parece enriquecer o triadismo das categorias peircianas, com um contributo de inspiração quântica.

A fusão do *objeto imediato* com o *interpretante dinâmico* (cada interpretação *específica, singular, localizada* de objetos que efetuamos, mental e fisicamente), extraindo das “possibilidades interpretativas do signo” (interpretantes imediatos) efetivas significações, não é suficiente para lidarmos com a literatura. Esta nunca é reles “cópia” do real (qualquer que o mesmo seja), pois há sempre um “descolamento”, um distanciar-se (maior ou menor) dos produtos literários em relação aos referentes do mundo (distanciamento que *jamais é completo*): daí resulta o conseqüente *acréscimo* (afetivo, emocional, ideológico, etc.) obtido pela psique humana a respeito desses

referentes, por via da *contribuição* artística. Nem “cópia” nem mero (embora útil) armazenamento semântico, intelectual, das características mais relevantes deles, eis o que singulariza qualquer produção estética verbal digna desse nome. Parece-nos que a arte literária se baseia *também* num tipo específico de objeto, ou melhor, na sua *possibilidade* de existência: o que vamos tentando chamar de potencialidade de objeto(s), tomando como modelo a Física Quântica, inserindo-a com a semiótica no campo literário.

*Potencialidade de objeto(s)* – afinal, o que ela é? Para responder a isto, carecemos de uma cadeia de argumentos, com ênfase na *subalínea c.1)* abaixo:

- a) a mente humana faz *parte* do universo (algo que é bem menos trivial afirmar do que parece, de acordo com a alínea a seguir);
- b) assim ocorrendo, ela também participa dos seus processos, da sua constituição ou natureza *contraintuitiva* (contrária ao bom senso), tal como esta vem sendo estabelecida pela física moderna (quântica e relativística) e em consonância com o sinequismo, a “continuidade entre os caracteres da mente e da matéria” (PEIRCE, apud IBRI, 1992, p. 62);
- c) de acordo com tal natureza, a realidade revela, ao menos, três aspectos, em conceituação, agora, ainda mais peirciano-quântica (apta a dar conta da relativística também):

- c. 1) Primeiridade – esfera da *potencialidade de objeto(s)*: *Dýnamis-Potentia*; espaço de Hilbert; acaso, indeterminismo; funções de onda, ondas de possibilidade; Física Quântica; 0 e 1 (superposição quântica);
- c. 2) Secundidade: existência, determinismo; Física Clássica Newtoniana; Física Clássica Einsteiniana: Teorias da Relatividade; Física Quântica atenuada pelos colapsos das funções de onda; 0 ou 1 (binarismo clássico);
- c.3) Terceiridade: Indeterminismo quântico, Leis estatísticas; determinismo clássico einsteiniano (que engloba o newtoniano); 0 e 1 (superposição quântica), 0 ou 1 (binarismo clássico);
- d) no processo literário, a psique humana se vale *também* do campo da Primeiridade-*Dýnamis-Potentia*, em busca de elementos com os quais componha os seus produtos artísticos, tal como teorizado pioneiramente entre os gregos, sobretudo por meio da mimesis de Aristóteles, que apenas mencionamos aqui (ARISTÓTELES, 1990, p. 106-107, 1148b4);
- e) denominamos *potencialidade de objeto(s)* esses elementos, pertinentes ao campo peirciano-quântico da *subalínea c. 1)*, relativos a tudo o que dissemos antes sobre as funções de onda;

- f) a relevância de tal potencialidade de objeto(s) *não* se restringe ao terreno literário, sequer ao estético em geral, podendo servir a quaisquer propósitos humanos (místicos, científicos, militares, de resolução dos problemas mais cotidianos, lúdicos estritos, etc.), conforme estes surjam em situações específicas da nossa existência (do nível mais reduzidamente individual aos planos mais institucionalizados);
  
- g) claro que as *motivações* para o mergulho artístico nos elementos do campo da Primeiridade-*Dýnamis-Potentia* (ou o mergulho das mentes nesse terreno) envolvem a historicidade concreta dos homens, que se dá na esfera da Secundidade, guiada por interesses de toda a espécie (de classe, gênero, etc.), manifestados em práticas discursivas, em signos diversos, com maior ou menor conexão com a Terceiridade, tudo isto pressupondo o nível quântico das ondas de possibilidade (a Primeiridade de novo, agora em consideração bem ampla).

O conceito de *objeto(s) em potencial* ou *potencialidade de objeto(s)* resulta, portanto, da inter-relação (interseção) do pensamento de Peirce, da Mecânica Quântica, da reflexão do Estagirista tal como retomada por Heisenberg e da problemática literária (e mesmo da estética em geral). Óbvio, assim, que ele *não* é um conceito circunscrito ao terreno verbal (uma nova proposta de *literariedade*, como se dizia no século XX) e, ao mesmo tempo, revela-se útil para tratar de, ao menos, uma das regiões desse terreno, como a semiose literária.

Dependendo do momento histórico e/ou da personalidade dos escritores, ora os produtos criativos se aproximam dos objetos *dinâmicos* clássicos peircianos, mais ancorados na *Secundidade*, na concretude e na face socializada do mundo, ora esses produtos deles se afastam, avizinhandando-se, por conseguinte, dos *objetos em potencial*, que postulamos.

Uma objeção poderia ser levantada ao nosso trabalho. A seguinte: estaríamos trocando ideias como “imaginação” ou “criatividade” por algo como a de busca pela potencialidade de objeto, nas pegadas das reflexões antes nomeadas.

De certo modo, a objeção acima está correta. Ela não leva em conta, todavia, um “mistério”, que, aliás, existe “debaixo do nosso nariz”, melhor dizendo, no interior da nossa mente. Um matemático, especialista em teoria da probabilidade e inteligência artificial (Charles Seife) ajudará na “visualização” de tal enigma persistente:

Mesmo que o cérebro humano seja “meramente” uma máquina para manipular e armazenar informações, ele é tão complexo e intrincado que os cientistas não têm nenhuma ideia real sobre como ela faz o que faz, exceto de um modo grosseiro. Filósofos e cientistas têm *dificuldade até para definir o que é consciência, ainda mais para compreender de onde ela vem*. A consciência é algo que simplesmente emerge de uma coleção suficientemente complexa de bits movendo-se de um lado para o outro? Os cientistas não têm nenhuma razão convincente – além dos aspectos particulares sobre o que significa ser humano – para dizer que não (SEIFE, 2010, p. 240. Destaques nossos).

Eis um ponto aqui fundamental: o “mistério” da consciência. E se a própria “consciência” não é algo satisfatoriamente definido, também o são outros aspectos da psique, que, para tornar a situação mais complexa, parecem mergulhar também no obscuro inconsciente humano, como a “imaginação” e a “criatividade” aludidas. Não é de hoje que a mente vem atraindo físicos quânticos, ou cientistas que conhecem a área atômica e subatômica. Outra vez Charles Seife com a palavra:

Para alguns investigadores, o fenômeno de superposição quântica e colapso [da função de onda] parece surpreendentemente semelhante ao que acontece na mente. [...] Similarmente, *a mente humana parece tentar captar múltiplas e semiformadas ideias, todas ajeitando abaixo do limiar da consciência ao mesmo tempo.* Então, de alguma forma, *algo estala* – uma ideia se solidifica e surge na consciência. As ideias começam em *superposição* no pré-consciente e em seguida aparecem na mente consciente *quando termina a superposição e a função de onda colapsa.*

Aficionados da consciência quântica suspeitam que a analogia poderia ser mais do que uma coincidência. Em 1989, o matemático e teórico quântico, Roger Penrose, juntou-se a eles, especulando num livro [...] chamado *A mente nova do imperador* que o cérebro poderia estar agindo como um *computador quântico* e não como um computador clássico. Mas neurônios [...] tendem a se comportar exatamente como máquinas clássicas que armazenam e manipulam bits [de informação] (SEIFE, 2010, p. 237-238. Destaques nossos).

Vê-se que Charles Seife é cético a respeito da hipótese de a nossa mente ser *quântica*, ainda que não feche de todas as portas para tal ideia. De fato, a louvável (e erudita) tentativa de Roger Penrose não produziu um argumento *conclusivo* a respeito de tal possibilidade. Poucas páginas adiante, Seife informa:

A informação quântica, por sua natureza, é muito frágil. A natureza está constantemente fazendo medições e dissipando q-bits [bits quânticos, 0 e 1] armazenados, emaranhando-os com o ambiente. Q-bits tendem a sobreviver melhor quando estão armazenados num objeto pequeno, isolado num vácuo e mantido muito frio. [...] Pior ainda, o cérebro é quente e (em geral) muito mais cheio de coisas do que um vácuo. Tudo isso conspira para dissipar informações quânticas [...]. Em 2000, Max Tegmark, físico da Universidade da Pensilvânia, fez as contas e descobriu exatamente que ambiente ruim o cérebro seria para a computação quântica (SEIFE, 2010, p. 239).

Até que nos provem o oposto, aceitemos que, *como um todo*, o cérebro não é quântico. A natureza, todavia, o é, no fundamental, segundo muitas demonstrações científicas; uma suposta fronteira entre o domínio clássico e o quântico nunca foi bem estabelecida: assim, mesmo sendo o sistema nervoso um macro-objeto clássico, *a mente pode interferir numa esfera quântica, tal como a observação humana do mundo atômico e subatômico provoca o colapso da função de onda* – sem que se saiba exatamente por que motivo.



Quando dormimos, os nossos cérebros não pedem autorização das nossas consciências para prosseguirem funcionando *eletromagneticamente*. Por analogia, supomos que eles lidem de modo *inconsciente* (automático, espontâneo) com fatores quânticos, mesmo não sendo, em termos *macroscópicos*, exemplos desses fatores. A *potencialidade de objeto(s)*, sim, tem a ver com tais entidades, se conduzirmos os conceitos de Peirce aos domínios dos *quanta*.

Em suas dimensões de macro-objetos, os cérebros podem dizer-se clássicos (apesar do que ressaltamos no penúltimo parágrafo acima, sobre a indefinição de limites entre o que é e o que não parece ser quântico). Logo, são associáveis à Secundidade. Os componentes atômicos e subatômicos de um macro-objeto, porém, têm comportamento quântico. É provável que *parte* das *operações* do cérebro (o que *mente* se chama) apresente também comportamento dessa espécie, ou sofra influência de tal modalidade de comportamento, no âmbito da matéria.

Quando em atividades que envolvam a dimensão do *quantum*, a mente lida com a potencialidade de objeto(s) (ou a Primeiridade de Peirce).

O ser humano é um *objeto* macroscópico (*dinâmico*, por definição) e, ao mesmo tempo, um *interpretante* de todos os objetos dinâmicos com os quais se confronta, *incluindo a si mesmo*, claro: portanto, *ele faz de si um signo*, como de tudo o mais.

Constituir-se como signo leva o homem não só a lidar com os vários *objetos imediatos e dinâmicos em si implicados*, mas também com as *potencialidades de objeto(s)*: as que dizem respeito *mais diretamente a si* e as que concernem ao *restante do universo* a que for tendo acesso (se é que tal distinção é pertinente, para além do seu didatismo).

Completemos a nossa “antropossemiose”: *objeto e signo de si mesmo*, o ser humano vê-se levado a produzir *autointerpretantes* (imediatos e dinâmicos, ao menos); a percepção de que ele participa de *algo maior*, todavia, pode conduzir à noção de “cosmossemiose” como referência mais ampla, na qual aquela primeira se insere (por mais que, na história, o *homo sapiens* haja sucumbido à tentação de idolatrar a sua própria figura, ligando-a ou não a divindades).

Como vigeria a modalidade de potencialidade de objeto(s) que vamos postulando? Para tentar responder, focalizemos uma coisa que parece certa, na lógica que se desdobrou da noção do *quantum*: o universo é um gigantesco viveiro de possibilidades, que os físicos denominam funções de onda (ou até *uma única função de onda universal*). Tais possibilidades não são, assim, meras abstrações dos cérebros humanos, mas um *nível ou aspecto fundamental da realidade*, intuído faz tempo por esses mesmos cérebros, aspecto ou nível de onde, aliás, derivam os atributos mais definidos (clássicos) do que sentimos como realidade, que bem pode ser considerada uma *atualização daquele nível potencial* (ou realidade “maior”).

Podemos apresentar o processo acima de outra maneira. Levemos em conta que, cientificamente, cerca de 96% da natureza do universo é algo desconhecido, sendo este desconhecido formado por uns 23% de “matéria escura” e uns 73% de “energia escura”. Temos a seguinte holarquia:

- a) *Realidade mal conhecida* (uns 96% do cosmo):  
matéria escura + energia escura

b) *Realidade mais conhecida* (uns 4% do universo):  
férmions (partículas da matéria) e bósons (partículas das forças)  
Primeiridade-Secundidade-Terceiridade

b.1) *Mentes humanas* (inseridas nos cerca de 4% da *realidade mais conhecida*):  
Primeiridade-Secundidade-Terceiridade

Os nossos cérebros são feitos da matéria da minoritária *realidade mais conhecida*, interagindo em quatro campos de forças (os dos bósons acima): o eletromagnético, o gravitacional, o da força nuclear forte e o da força nuclear fraca (cujo detalhamento não importa aqui). A matéria de que temos ciência é elemento de ligação entre o *real mais conhecido* e a parcela do cérebro humano denominada *mente*. Esta deve exibir um comportamento clássico-quântico, ou – se ela for um fator diverso no cosmo – algo interagindo com o nível quântico e o clássico (de fronteiras pouco evidentes, sabemos).

Neste ponto é instigante retomar o *sinequismo* de Peirce. Vimos como ele pensou numa continuidade envolvendo os caracteres da matéria e da mente (PEIRCE, apud IBRI, 1992, p. 62). Como, nas esferas atômica e subatômica, a matéria tem funcionamento quântico, algo dos seus “caracteres” deve relacionar-se com a mente, tanto quanto com os seus traços clássicos. Grad(u)ações da *physis*, pois observamos o pensador também dizer: “Não há nenhuma dificuldade em conceber a existência em uma *questão de graus*” (PEIRCE,

apud BRESSAN<sup>8</sup>). Sinequismo entre o psíquico e o material (não dualismo entre estas duas instâncias).

Segue uma derivação do processo acima, baseada em noções deliberadamente elementares da neurociência. (Muitas vezes é o “elementarismo” dos dados que nos permite perceber nexos fundamentais entre os mesmos).

O cérebro humano tem muitos bilhões de células nervosas – os *neurônios*. Cada neurônio possui de 1000 a 10000 pontos de ligações com os demais – as *sinapses*. Sinapses se contam aos trilhões, formando as *redes neurais*. Redes neurais contêm pensamentos, lembranças, habilidades, parcelas de informação, etc. Ora, assim ocorrendo, elas *já são signos mentais*; portanto, tais signos têm uma *base neurológica*, vale dizer, *material*, sendo ainda, por conseguinte, *objetos dinâmicos*, transformáveis em *interpretantes* peircianos.

Dentro ou fora da nossa mente, nas *redes neurais* ou num *pedaço da realidade que sentimos como externo a nós* (um muro, uma página, uma tela de PC), qualquer signo, materialmente considerado, implicará sempre a dualidade onda-partícula da Física Quântica: a da matéria conhecida e a da luz, com a qual aquela interage.

Em suma: ligações de neurônios (sinapses) são objetos dinâmicos e, em concomitância, quando se reúnem em redes neurais, transformam-se em signos (ou geram estes como os seus correlatos semióticos), que pressupõem as ondas de possibilidade dos *quanta*, as quais, em linguajar baseado em Peirce, Heisenberg e Aristóteles, vemos como potencialidades de objeto(s).

---

<sup>8</sup> Sinequismo, humano e interatividade. Disponível em: [www.encipecom.metodista.br/...php/Comunicaçã\\_o\\_Tecnologias\\_Digitais](http://www.encipecom.metodista.br/...php/Comunicaçã_o_Tecnologias_Digitais). Acesso em: 26 jul. 2012.

A vantagem da articulação conceitual acima é que ela *reforça a conexão da semiose com a materialidade do mundo*, tal como hoje conhecida, sobretudo a que está em nós, nos nossos corpos. Em definitivo, signos são produções que ocorrem no âmago da *physis*, não meras abstrações humanas, mesmo os linguísticos, que podem iludir-nos como elementos “etéreos”, “sutis” em excesso. Não: eles integram o real.

#### **4. Continuação do cotejo entre Peirce e a Física Quântica (os infinitesimais e a potencialidade de objetos)**

O paralelo entre Peirce e a Física Quântica (segundo a interpretação da Escola de Copenhague, acrescida da introdução nesta do conceito de *Dýnamis-Potentia* por Heisenberg) *não* é aqui tentado com a expectativa de que ele revele correspondências ponto a ponto. Se, para sintetizar, supomos que a Primeiridade peirciana apresenta razoável homologia com o que concerne à função de onda (ou onda de possibilidade), daí surgindo a ocasião para postularmos o novo nível semiótico de potencialidade de objeto(s), nem por isto precisamos cerrar os olhos a eventuais discrepâncias entre um campo teórico e outro. Uma delas é a problemática da descontinuidade (que, paradoxalmente, não exclui a do contínuo, como observaremos).

A função de onda da matéria é capturada pelo formalismo matemático da equação de onda de Schrödinger. Segundo Osvaldo Pessoa Jr., a depender dela um sistema físico quântico evoluiria de maneira “unitária”, ou seja, “contínua, linear, determinista e reversível” (PESSOA JR., 2003, p. 45). Kleber Daum Machado refere-se às ondas de matéria como “finitas, contínuas e unívocas”, portando “toda a informação física que possa ser necessária” (MA-

CHADO, 1999, p. 419). Em ambos os cientistas surge a ideia de *continuidade*, muita cara a Peirce, que a transformou num autêntico princípio da sua filosofia. Embora o conceito de *continuum* (sinequismo) ali tenha um alcance *vasto*, que não é o pretendido pela equação de Schrödinger, não é abusivo efetuarmos mais esta aproximação entre o peircianismo e a teoria dos *quanta*, na sua versão ortodoxa. Sabemos já, entretanto, que esta última implica por igual a *descontinuidade*.

Em 1900, Max Planck já descobrira que os elétrons emitem ou absorvem energia “apenas em certas quantidades específicas, descontinuamente separadas – o que ele denominou *quanta* de energia” (GOSWAMI, 2010, p. 45).

Em 1926, a equação de Schrödinger pareceu acabar com (ou dar um “xeque-mate” na) descontinuidade trazida ao mundo por Planck (e radicalizada por Niels Bohr com a noção de “salto quântico”, a partir de 1913). As ondas da sua equação também são chamadas “pacotes de ondas”, indicando que estas apresentam mais amplitude (maior valor estatístico) em certas regiões do espaço do que em outras. (Não esqueçamos que tais ondas de matéria são, na verdade, como percebido por Max Born já em 1926, “ondas de possibilidade”, não objetos físicos!) As ondas em questão se espalham com rapidez: deixado entregue a si mesmo (não medido), um *quantum* revela a estranha característica de, em poucos segundos, estar em diversos locais de uma cidade, com probabilidades diversas (maior aqui, menor ali, média acolá, etc.); dê-se-lhe mais tempo e ele “poderá aparecer em *qualquer lugar do país*, até mesmo de *toda a galáxia*” (GOSWAMI, 2010, p. 60. Destaques nossos). Estranha – e quântica – demonstração da ideia do *continuum*! Nada isto, todavia,

invalida a implicação radical da descontinuidade planckiana descoberta, como esta não anula o caráter de continuidade (linearidade, determinismo e reversibilidade) da onda de matéria. Por quê? Por causa da *dualidade onda-partícula*: a respeito da luz, Einstein começou a notar que a natureza microscópica implica comportamentos que parecem contraditórios (duais, de tendências opostas mesmo); nas suas pegadas, Louis de Broglie postulou que a matéria revela o mesmo comportamento inusitado. A equação de Schrödinger põe a nu *uma* das *duas* faces da microfísica: o aspecto ondulatório associa-se à ideia de continuidade. Faça-se, todavia, a *observação* de uma onda de matéria: por exemplo, meça-se a “carga do elétron”, quando “temos que interceptá-lo com alguma coisa como uma nuvem de vapor, como acontece em uma câmara de condensação” (GOSWAMI, 2010, p. 60). O que ocorre? O colapso da função de onda: esta como que *se estreita num ponto*, numa localização precisa, o que insere a descontinuidade no âmago da continuidade, de modo súbito – tanto mais surpreendente quanto tal colapso (ou definição ou individuação da matéria, não mais o seu espalhamento numa “nuvem de probabilidade”, por uma urbe ou até uma galáxia) *não é previsto* pela própria equação de Schrödinger. Ela acontece de feição “instantânea, não-linear, indeterminista e irreversível” (PES-SOA JR., 2003, p. 45). Esta *não predição matemática do colapso* veio a dar margem, desde os anos 1930, à séria (e arriscada) suposição de que o elemento que provocava o colapso seria a *consciência* do observador (medidor)!<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> No final da década de 1960, o físico Hans Dieter Zeh começou a estudar a possibilidade de o próprio meio ambiente provocar os colapsos das ondas de matéria. Isto ficou conhecido como *descoerência*, a qual destruiria a coerência do mundo quântico

A dualidade quântica, acima (bem ou mal) descrita, foi transformada num princípio – o da complementaridade – por Niels Bohr: “Característica de objetos quânticos possuírem *aspectos opostos*, tais como de onda e partícula, apenas um dos quais podemos ver em um dado arranjo experimental [medição]” (GOSWAMI, 2010, p. 324. Destaques nossos).

Em síntese, *quando aplicado à microdimensão da Física Quântica*, o sinequismo (*continuum*) de Peirce é associável ao primeiro item da dualidade onda-partícula: à onda de possibilidade, à qual relacionamos a Primeiridade, em nosso modelo multifacetado do real.

Uma observação (medição) ocorre, sobretudo, numa situação de Secundidade. Quanticamente raciocionando, aprendemos assim que esta perturba a Primeiridade (causando o colapso da função de onda). Tal evento é, ao que tudo indica, descontínuo, uma constatação que, todavia, não dá o “xeque-mate” na concepção do sinequismo, acabando com a sua possibilidade lógica de existência; na verdade, a constatação aludida faz o sinequismo ganhar novos contornos, inéditos predicados, mais delimitados (claro que no campo dos *quanta*). Se existe uma dualidade onda-partícula, acostumemo-nos com isto.

Retomemos parte de uma citação de Peirce: “Se todas as coisas estão em *continuidade*, o universo deve estar passando por um *contínuo crescimento*, [...] *da não-existência à existência*. Não há nenhuma dificuldade em conceber a existência em uma *questão de*

---

(os estranhos fenômenos que temos descritos, ligados em geral ao caráter ondulatório da matéria – e também da luz), transformando-o no clássico em que habitamos cotidianamente. A descoerência vem ganhando aceitação na comunidade dos físicos, depois do ostracismo a que foi condenada pelos herdeiros da Escola de Copenhague (FREIRE JR., 2010, p. 36-40).



*graus*” (PEIRCE, apud BRESSAN<sup>10</sup>. Destaques nossos). Esta passagem é bastante consistente com o que diz a Cosmologia dos séculos XX e XXI, desde as observações de Edwin Hubble nos anos 1920, até a postulação da Teoria do *Big Bang*. E quem reina nestes domínios é Einstein, ou seja, a Teoria da Relatividade (a Restrita e a Geral). O sinequismo pode ser acolhido na íntegra aqui. E tendo um caráter *geral*, ele será – neste caso – um fator de *Terceiridade*. Os microdomínios da matéria (e da luz) são diferentes, todavia: neles é preciso manipular um baralho cujas regras são quânticas (duais), ora obedecendo aos ditames ondulatórios, ora aos corpusculares. Aqueles implicam a continuidade; estes a fazem colapsar...

*Mutatis mutandis*, o que Peirce pensou sobre o problema dos infinitesimais pode ser equacionado em termos quânticos de maneira parecida à vista acima. É complexa a questão. Sirva-nos de guia o artigo eletrônico “Peirce e Cantor: um diálogo à luz da história da ciência”, de Maria de Lourdes Bacha, publicado nos *Cadernos de semiótica aplicada (CASA)*.

No século XIX, a problemática dos infinitesimais foi tratada, sobretudo, pelo matemático Georg Cantor. Com implicações místicas, tal questão envolve a possibilidade de entendimento da natureza do infinito (por seres finitos, como nós). Também matemático, Peirce se interessou muito pela questão. Citemos os pontos do artigo de Maria de Lourdes Bacha fundamentais aqui:

---

<sup>10</sup> Sinequismo, humano e interatividade. Disponível em: [www.encipecom.metodista.br/...php/Comunicação\\_e\\_Tecnologias\\_Digitais](http://www.encipecom.metodista.br/...php/Comunicação_e_Tecnologias_Digitais). Acesso em: 26 jul. 2012.

[...] O transfinito de Cantor seria o domínio dos números que se prestam a contar e comparar o infinito. O teorema de Cantor sobre a existência de conjuntos não enumeráveis, em 1891, parte do pressuposto de que Deus intui a totalidade de maneira perfeita, mas a extensão dos inteiros positivos para o infinito não seria, para Cantor, contrária à natureza humana. A tese cantoriana é a de que muitas características do infinito estão presentes na inteligência humana, uma vez que, sem tal presença, o próprio infinito absoluto não seria reconhecido como tal. Daí se segue que o entendimento humano, embora limitado pela própria natureza humana, não é essencialmente finito, no sentido mencionado, mas tem, em si mesmo, a infinitude como uma de suas qualidades reconhecíveis. [...]

[...] À medida que progredia no estudo da continuidade, Peirce foi levado a rejeitar a visão de Cantor de que o contínuo fosse alguma forma geométrica composta de uma infinidade de pontos. [...]

[...] ao contrário de Cantor, ele [Peirce] não estava preocupado em desenvolver as propriedades aritméticas de suas ideias. Estava preocupado com o *continuum*, acreditando que conceitualmente havia encontrado uma abordagem mais satisfatória do que outras, a de que “o *continuum* é um geral” e não poderia ser definido como um conjunto no sentido de Cantor de uma coleção de elementos distintos<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Peirce e Cantor: um diálogo à luz da história da ciência. CASA: Cadernos de semiótica aplicada. Disponível em: [www.sbh.org.br/resources/anais/10/1343750737\\_AR-QUIVO\\_Peirce\\_e\\_Cantor\\_SNHC\\_31-7-2012.pdf](http://www.sbh.org.br/resources/anais/10/1343750737_AR-QUIVO_Peirce_e_Cantor_SNHC_31-7-2012.pdf). Acesso em: 03 jun. 2013. Cf. tam-

Pelo que afirmamos mais acima a respeito da equação de Schrödinger, a onda de possibilidade de uma partícula atômica e subatômica implica, ao seu modo, a noção de contínuo, pois ela rapidamente se espalha pelo meio ambiente (universo), quando não observada. Supõe-se que isto ocorra com todas as partículas conhecidas. Sem dúvida, há algo de *geral* nesta suposição (que vem sendo corroborada em experiências de laboratório, que se dão a partir da esfera da Secundidade).

Repitamos outra citação: “Antevê-se que *continuidade se refere à generalidade* e não a uma pluralidade de indivíduos, numa provisória interpretação do que possa ser fusão de partes em partes” (IBRI, 1992, p. 62. Destaques nossos). Sabe-se que as ondas quânticas se somam ou se anulam (respectivamente: ficam “em fase” ou “fora de fase”). Ainda mais: uma vez postas em contato, em inter-relação, duas partículas, depois separadas (não importa por qual distância), *continuam a relacionar-se em certos aspectos*: observe-se (meça-se) *uma* e a *outra* reagirá (ao que parece, de imediato)! Desde 1935, isto é denominado *emaranhamento quântico* (ou *não localidade*) – e vem sendo confirmado dos anos 1970 para cá (principalmente a partir de 1982, com a experiência mais conclusiva de Alan Aspect e sua equipe).

Na linha de raciocínio que vamos seguindo, o *continuum* também é, portanto, um conceito aplicável à Primeiridade, quando se põem em cena os conhecimentos, as conquistas da Mecânica Quântica. Em comentário à afirmativa peirciana de que uma lei é um fato geral, desde que se aceite que *o geral sempre carrega uma porção*

---

bém Claudine Tiercelin: “Definindo o contínuo, não mais em termos de divisibilidade infinita, [...] Peirce afirma que tudo que é contínuo não contém nenhum ponto discreto, mas comporta, em compensação, possibilidades reais e é, por conseguinte, de natureza geral” (TIERCELIN, 2001, p. 758).

de potencialidade, já vimos Julio Pinto concluir: “[...] em sua generalidade, o terceiro tem a ver com o mundo *potencial da qualidade* e com o mundo factuel dos existentes [...]” (PINTO, 1995, p. 57. Destaques nossos). Estas ideias teóricas, associadas ao que passamos a saber, depois do falecimento de Peirce (1914), sobre a natureza da matéria e da luz, ajudam-nos a ver o *continuum* atuando também no domínio da função de onda, à qual correlacionamos a Primeiridade. Mas atenção: *não temos como negar a descontinuidade quântica* – o colapso da onda de possibilidade, uma vez observada (medida)! A Secundidade (observação) irrompe aqui, causando efeitos no real.

Para não se supor que levamos o nosso paralelo longe demais, leia-se uma passagem de Vinicius Romanini como a seguinte, extraída de uma extensa reflexão sua, de caráter peirciano (ainda que com consideráveis inovações):

#### Individualidade X Continuidade

Um individual só pode existir como uma fratura do contínuo, enquanto o contínuo só existe na dissolução de todo individual. Por isso, um depende do outro. Na realidade, eles coexistem de forma que todo individual tem limites idealizados e todo contínuo pode ser reunido numa entidade individual (cf. CP 4.172). O Princípio de Incerteza de Heisenberg e suas derivações do tipo partícula x onda, localidade [causalidade clássica] x não-localidade [emaranhamento quântico], universo discreto x universo holográfico parecem nascer dessa correlação<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Semiótica de Peirce / Minute Semeiotic. Disponível em: [www.minutesemeiotic.org/?p=38&lang=br](http://www.minutesemeiotic.org/?p=38&lang=br). Acesso em: 03 jun. 2013.

Esta “fratura do contínuo” (de Romanini) parece-nos ter inspiração, parcial que seja, no “colapso (quântico) da função de onda” – ou não estaria Heisenberg aparecendo no parágrafo acima...

Em suma: a nossa proposta de “potencialidade do(s) objetos” é, ao menos em parte, consistente com o que Peirce pensou a respeito dos infinitesimais, em termos de *continuum*. Se ele estava certo ou errado em relação a Georg Cantor, é algo que não nos compete buscar resolver.

## 5. Um teste para a nova conceituação peirciano-quântica

Tentemos, finalmente, conduzir os nossos conceitos ao campo literário.

Sabemos que a psique vaga por elementos de início obscuros, que não apenas ideias: também imagens, sons, ritmos, sintaxe(s), etc., tudo isto bastante “embaralhado”, até que os “estalos” (de Charles Seife) ocorram. A pergunta que fazemos agora é: e se tais “estalos” se derem, *mas, em certas ocasiões, não no sentido da clareza, da “solidificação”, da construção mais cristalina?* E se – não importa, *em princípio*, por que motivos – a mente criativa *mergulhar, vez por outra, no “embaralhamento” de fatores, ao invés de buscar o seu desenredar, a sua organização mais nítida?*

Na modernidade estética – é por demais conhecido – várias vezes a possibilidade enunciada acima se concretizou. Ela teve diversos nomes, de acordo com as posturas estéticas (até políticas) adotadas: hermetismo, fragmentação, dadaísmo, acaso objetivo (surrealismo), vanguarda, estranhamento, dissonância, experimentalismo, distan-

ciamento, tachismo, obra aberta, crise da representação, indeterminismo, abstração, etc.

Longe dos nossos propósitos a atitude a-histórica, ingênua (ou maliciosa), de misturar todos os nomes anteriores, meramente nivelando-os! Não apenas *em princípio* as diferenças neles implícitas nos importam. Inegável, todavia, que no século XX, mais do que nos anteriores, houve a propensão ampla (não única) de – digamos –, ao invés de escolher 0 ou 1, tentar fundi-los: 0 e 1, beleza e obscuridade e que pares contrastantes se quiseram! Não à toa em tal século aconteceu algo como o *neobarroquismo*, não propriamente um movimento mais organizado, mas uma tendência que retomava, da atmosfera barroca do século XVII, as oposições, os cultismos e conceptismos que conhecemos. Não por acaso nele também – e mais radicalmente – o tempo e o espaço, junto com outras “coisas”, tenham sido revolucionados pelas duas Teorias da Relatividade de Einstein, sem esquecermos a dualidade onda-partícula que nos inspira aqui, no seu paralelo com a filosofia de Peirce e na analogia (limitada) entre o psíquico e o material (colapso da função de onda).

Digamos que, nos casos da hipótese em exame, as possibilidades múltiplas da Primeiridade, ao invés de passarem por um processo de seleção que exclua umas e privilegie outras (0 ou 1...), foram *mantidas em maior quantidade nos produtos finais que se evidenciam na esfera da Secundidade*, nas obras concretas que lemos.

Por meio de dois textos de um mesmo poeta, tentemos esclarecer o nosso ponto de vista. Ou muito nos equivocamos ou se dêssemos a vários leitores cópias das composições “Piscina” e “Palinódia”, de Manuel Bandeira, *com o vocabulário mais incomum de cada qual*

*anexado às mesmas*, tais leitores, na sua maioria, achariam a segunda mais obscura, menos nítida, do que a primeira. Eis os versos desta:

#### PISCINA

Que silêncio enorme!  
Na piscina verde  
Gorgoleja trepida  
A água da carranca.

Só a lua se banha  
– Lua gorda e branca –  
Na piscina verde.  
Como a lua é branca!

Corre um arrepio  
Silenciosamente  
Na piscina verde:  
Lua ela não quer.

Ah o que ela quer  
A piscina verde  
É o corpo queimado  
De certa mulher  
Que jamais se banha  
Na espadana branca  
Da água da carranca (BANDEIRA, 1976, p. 160).

Quando alguém escreve, *elabora um interpretante dinâmico* (ou *vários*) em forma de texto: para nós, leitores, este(s) interpretante(s) dinâmico(s) se torna(m) um signo a ser entendido, um signo complexo, por sua vez feito de signos, um supersigno. O grande interpretante proposto por Manuel Bandeira é mais ou menos o seguinte (em prosaico texto parafrástico nosso, portanto, um segundo signo complexo, ainda que empobrecido ao extremo, em comparação ao anterior): “a piscina verde” não deseja (“não quer”) a “Lua gorda e branca”, mas o corpo bronzeado de certa mulher. Na “água da carranca” da piscina, a “lua se banha”; a mulher desejada, nunca.

A volição atribuída à “piscina verde” (o não querer isto, o querer aquilo) e o ato atribuído à Lua (banhar-se) são claros *antropomorfismos*, tornados possíveis por meio da linguagem figurada, as possibilidades retóricas da(s) língua(s). Tais antropomorfismos têm valores semânticos diversos no poema, todavia: a) no caso dos desejos atribuídos à *piscina*, pode-se considerar que estes derivam da *projeção* de um desejo humano num ente não vivo, não animado; b) no caso do banho da *lua*, pode-se ver esta atuação do satélite como simples metáfora para o reflexo do mesmo na água da piscina (como se daria se o poeta houvesse dito que a lua “se admira no espelho líquido da piscina” etc.). Assim, a alínea a) é que merece atenção maior dos leitores. Logo a retomaremos.

Os objetos dinâmicos *mais óbvios* referidos no poema são: “silêncio”, “piscina verde”, “água da carranca”, “lua gorda e branca”, “arrepio [...] / Na piscina verde” (movimento na água), “corpo queimado / De certa mulher”, “espadana branca”. Também a carga emotiva, contudo, é um objeto do tipo, ainda que menos evidente como tal: pois ela é algo próprio da nossa espécie (ao menos), do nosso



repertório afetivo, de inegável realidade (mesmo que condicionada social e culturalmente, dependendo dos contextos históricos em que se dê). Esse lastro emocional tem manifestação sígnica, inclusive tipográfica: as frases exclamativas. Duas aparecem em “Piscina”: “Que silêncio enorme!” e “Como a lua é branca!”. Relacionado às sentenças exclamativas há, além disto, o recurso da interjeição: “Ah o que ela [a piscina] quer / A piscina verde / É o corpo queimado / De certa mulher”... Vemos, assim, que o poema é intensamente emotivo, lírico<sup>13</sup>, sem que sequer um verbo seja conjugado na primeira pessoa do singular, ou pronomes como *eu*, *me*, *mim* ali se manifestem. (Nem sempre as produções do lirismo dispensam de tal feição as marcas mais explícitas de subjetividade, concentrada numa única psique).

Retomemos o antropomorfismo da alínea a).

Basta sabermos que Bandeira é o autor dos versos em análise para inferirmos, com correção – sem entrar no campo espinhoso das suas *intenções* ao escrever o poema –, que a mente dele produziu o interpretante dinâmico conforme o descrevemos (o desejo da piscina por certo corpo feminino, não pela lua que se reflete nas suas águas), para *projetar um desejo humano* num objeto dinâmico inanimado (de cimento etc.), *como se este fora o sujeito autêntico de tal desejo*. Volição sexual facilmente identificável, ela é também um objeto dinâmico. Na perspectiva psicoteórica que se tornou famosa no século XX, esse aspecto nos é familiar através da visão de Sigmund Freud da sexualidade, visão que nos leva a enxergar na “*espadana* branca / Da água da carranca” (onde a mulher, infelizmente, jamais se ba-

---

<sup>13</sup> Notório: passagens líricas podem ocorrer em textos narrativos e dramáticos, como trechos narrativos podem surgir em composições líricas, etc. As possibilidades de misturas de gêneros se concretizam constantemente.

nha) um *símbolo fálico*, mais do que um mero detalhe arquitetônico: “jacto de líquido em forma de lâmina de espada” (*Dicionário Aurélio eletrônico século XXI*, verbete “espadana”). Muito coerentemente, o antropomorfismo é, afinal, masculino. A abordagem psicológica de Carl Gustav Jung não divergiria dessa linha interpretativa: a mulher “de corpo queimado” (pelo sol, decerto), almejada pela piscina, ao invés da lua, é uma manifestação do arquétipo da *Anima*, a contraparte feminina do homem, o *Animus* que, descontente, se faz representar no texto pela imagem concreta da piscina, a qual tem até uma *face*, se não esquecermos a “carranca” que Bandeira se lembrou de inserir nos seus versos: “Semblante *sombrio, fechado, carregado*, com aspecto de mau humor”; “Cara, geralmente *disforme*, de pedra, madeira ou metal com que se ornaram bicas de chafariz, aldravas ou argolas de porta, etc.” (*Dicionário Aurélio eletrônico século XXI*, verbete “carranca”. Destaques nossos)<sup>14</sup>. Interessante objeto dinâmico antropomórfico. E próximo demais da “espadana”, cuja água flui da “carranca”... *Animus* contrariado: deseja a mulher bronzeada, não quer a lua “gorda e branca”. Como não ficar meio “carrancudo”?

Perguntemo-nos agora o que tudo isto tem a ver com o conceito que propusemos páginas atrás: a *potencialidade de objeto(s)*. Volte-

---

<sup>14</sup> O *Animus* é a provável imagem (“alma”) masculina que habita a psique de uma mulher, a qual tenderá a projetar tal imagem nos homens que encontrar ao longo da vida. Assim, na prática, cada um destes será o (seu) *Animus*. A *Anima* é o oposto complementar do *Animus*: possível imagem (“alma”) feminina que existe na psique de um homem, o qual tenderá a projetar tal imagem nas mulheres com que topar ao longo da existência (JUNG, 2008, p. 388-393 [verbetes “Alma”] e p. 422-424 [verbetes “Imagem da alma”]). O par *Anima-Animus* conecta a psicologia de Jung à psicanálise de Freud, com a importância que nela tem a sexualidade e o complexo de Édipo (*Animus* sofrerá influência da figura paterna; *Anima*, da materna etc.).

mos à mente de Bandeira, abordada de modo geral, como qualquer outra (como a nossa, ao redigir estas palavras, e as dos seus leitores). Sem precisar subscrever a tese de que a psique é quântica, sabemos da analogia apontada por Charles Seife: *a consciência oscila por um continuum de ideias vagas, superpostas, ainda mal formadas, múltiplas, até que, de repente, “algo estala – uma ideia se solidifica e surge na consciência”* (SEIFE, 2010, p. 237. Destaques nossos). Uma só? Com certeza, mais de uma única, na composição de um texto, ainda que alguma delas possa aparecer como a central (nos versos de Bandeira, a piscina desejante, com as suas águas libidinais). E não apenas uma ideia “estala”: também *imagens* (signos com interpretantes visuais, baseados nos significados linguísticos: “*Lua gorda e branca*”, decerto em *contraste* com o implicitamente *esguio* “*corpo queimado / De certa mulher*”, em implícito estado de *seminudez*, ou em roupa de banho piscinal...); também *fonemas* (signos sonoros mínimos, ainda desprovidos de semântica, baseados na reiteração dos significantes da língua: “*CoRRE um aRREPIo / SILEnCiosamente / Na PISCIna vERde: / Lua ELa não quER*”); também aspectos *sintáticos* (baseados aqui na repetição-com-variação dos versos: “*Na piscina verde*” e “*A piscina verde*”, “*A água da carranca*” e “*Na água da carranca*”, ou os importantes apostos: “*Só a lua se banha / – Lua gorda e branca –*” e “*Ah o que ela quer / A piscina verde*”), etc. Diversos “estalos” ocorreram, portanto.

De um modo ou de outro, esta “riqueza” poética tem a ver com a *potencialidade de objeto(s)*. Em termos estéticos, esta última abarca o que tratamos acima como um *oscilar da consciência por um continuum de ideias obscuras, superpostas, ainda em estado de má formação, múltiplas*, antes do “estalo”: aliás, este é um bom signo

metafórico (requerendo interpretante sonoro) para o surgir do fator de Secundidade (tal como a *medição* de um elétron ou de um fóton, em experiências quânticas) num quadro de Primeiridade.

Tentando manter a clareza na análise e na manipulação dos conceitos, frisemos: a) o antropomorfismo em que, muito humanamente, incide Bandeira, com a sua carga sensual implicada, a sua valorização da carnalidade feminina, é um conhecido objeto dinâmico, tão cultural quanto típico da nossa espécie; b) a potencialidade de objeto(s) implícita no processo de elaboração dos seus versos concerne à necessária busca, por Bandeira, do material adequado ao *todo* que se intitula “Piscina”.

A qualidade, a beleza das estrofes de “Piscina” (que nos parece inegável, sobretudo à medida que nelas mergulhamos) depende, todavia, não deste ou daquele fator *isolado* da referida potencialidade de objeto(s) – domínio imenso de possibilidades, não apenas literárias (sabemos) –, porém da articulação *ampla, imprevista, não trivial* de uma quantidade considerável de fatores: vimos alguns, parágrafos atrás (concernentes às imagens do poema, aos fonemas nele reiterados, à sintaxe e repetição nada banal dos termos).

Por fim, argumentamos que a noção de potencialidade de objeto(s) pode ser manipulada *de modo mais inusitado*, não devido a um gosto pessoal nosso pelo que seja desconcertante, mas porque a estranheza estará já no signo complexo sobre o qual falaremos, o próximo texto bandeiriano escolhido. (O próprio autor o tinha na conta de *hermético*, ao menos no que concerne à primeira e à terceira estrofes.) Ei-lo:

## PALINÓDIA

Quem te chamara prima  
Arruinaria em mim o conceito  
De teogonias velhíssimas  
Todavia viscerais

Naquele inverno  
Tomaste banhos de mar  
Visitaste as igrejas  
(Como se temesses morrer sem conhecê-las todas)  
Tiraste retratos enormes  
Telefonavas telefonavas...

Hoje em verdade te digo  
Que não és prima só  
Senão prima de prima  
Prima-dona de prima  
– Primeva (BANDEIRA, 1976, p. 115-116).

Ao contrário do que se deu em “Piscina”, em “Palinódia” a potencialidade de objeto(s) propendeu para uma obscuridade desafiadora, que, de igual maneira, corresponde ao real, considerado na sua amplitude, tecida pelas três categorias peircianas.

Em textos como “Palinódia” (e sabemos que os há mais intrincados), os objetos dinâmicos despontam, por meio dos seus signos, *ainda mal desprendidos da rica indefinição da potencialidade de objeto(s)*,

do seu excesso de possibilidades, com algo de “informe”, se não na sua manifestação exterior, ao menos nas suas articulações semânticas.

Objetos dinâmicos *mais óbvios* referidos no texto: “palinódia” (ou *retratação*, efetivamente efetuada no ou com o poema), “prima” (como item da nossa estrutura de parentesco e como uma parente do eu lírico, por este desejada), “teogonias”, interioridade (“viscerais”), “inverno”, “banhos de mar”, “igrejas”, “retratos enormes”, aparelho telefônico e uso do mesmo pela prima (“Telefonavas telefonavas”), “verdade” (que também, retórica e intertextualmente, remete aos textos bíblicos), “prima de prima”, “Prima-dona de prima”, “Primeva” (que nos trará uma bela surpresa, algo de *menor obviedade*).

Qual a *palinódia* realizada no (e pelo) poema, que é um tanto hermético, como várias produções da modernidade? Parece-nos que a *retratação* envolve não dois textos (como é costumeiro, de acordo com a definição do gênero), mas a primeira e a última das suas três estrofes. Naquela, o eu lírico deixar-se-ia *influenciar* pela ação verbal de alguém: “*Quem te chamara prima / Arruinaria em mim o conceito / De teogonias velhíssimas / Todavia viscerais*”. Ele teria uma *indesejável* mudança de comportamento: o discurso de outro indivíduo (“*Quem te chamara prima*”) alteraria uma crença sua importante (“*o conceito / De teogonias velhíssimas / Todavia viscerais*”). A derradeira estrofe é a *retratação* dessa mudança de comportamento, ruim mas *tão só hipotética* (vejam-se os anteriores tempos verbais: “*chamara*”, “*arruinaria*”): “*Hoje em verdade te digo / Que não és prima só / Senão prima de prima / Prima-dona de prima / – Primeva*”.

Note-se a *correção* da hipotética mudança do eu lírico: “*Hoje [...] te digo*” – e ele diz que o abandono da noção de *prima* (cuja co-

notação sexual já veremos) é algo inferior, face ao que o desfecho do poema propõe, ou seja, a mulher que a portava tem um título agora maior. Mais do que mera prima, ela é “prima de prima / Prima-dona de prima / – Primeva”. A significação é densa aqui:

- a) “prima de prima”: por equívoco (polissemia) da língua, a palavra “prima” deixa-se ler, com facilidade, com uma segunda aceção, a de “primeira” (primazia, prioridade), sentido presente nos dicionários, que antecipa a palavra-verso final (“– Primeva”, ressaltada pelo travessão), sendo logo reiterado no verso penúltimo: “Prima-dona de prima”, e este, por seu lado, nos envia à *figura feminina* (“Prima-dona”) que exerça algum *papel principal* (“Primeira dama” em ópera, companhia dramática e mais setores artísticos, por extensão).
- b) “– Primeva”: por equívoco outra vez (mas agora fônico, *paronomástico*), esta palavra se dá a ler, para a nossa surpresa, como “– Prima Eva”, Eva primordial, associada ao nosso primo “pecado”. Interpretação procedente, mas ousada. Requer argumentação maior, portanto. Tentemos sustentar essa *homofonia* quase total.

Antes de mais, há o evidente aceno ao texto bíblico, já apontado, em “Hoje em verdade te digo”: sabemos o quanto, entre outros personagens, Cristo usou tal expressão nos Evangelhos. Ora, Eva é a primeiríssima mulher do Antigo Testamento, tão só antecedida, em termos humanos, pela figura máscula de Adão.

Aprofundemos a problemática sexual de “Palinódia”. Pois bem: ali há uma “prima” e um eu poético (um “primo” implícito, se quisermos conceder-lhe identidade masculina, em coerência com a da autoria bandeiriana, que, afinal, a composição não põe em causa). O sujeito lírico parece ter interesse no tu feminino desde o terceiro verso: “teogonias velhíssimas / Todavia viscerais” serão arruinadas, caso outro indivíduo (*outro primo*, decerto) chamasse de prima a prima efetiva da primeira pessoa textual. A temática do *ciúme* se insinua aqui, neste *triângulo*. E a freudiana (ou seja, incestuosa) também.

Primo(s), prima(s): não irmãos e irmãs, mas ainda parentes próximos. Em casos envolvendo essas modalidades de parentesco, o (inconsciente) desejo do incesto poderá ser satisfeito e, dada a não irmandade envolvendo os dois atores que se associarem em efetivas práticas sexuais, satisfeito *sem culpa* (ou com culpabilidade *menor*). Daí virá a atmosfera libidinal muitas vezes criada pela mera menção dos vocábulos “prima” e “primo”... Certo objeto dinâmico *lascivo* parece pressionar tal par de signos (os quais se prestam a manifestações homoeróticas, em *outros contextos*). Juntando ao presente ambiente sensual a expressão bíblica “em verdade”, podemos retroagir à personagem feminina primacial da nossa escritura sagrada, ou seja, Eva, não necessariamente a das precisas páginas do Gênesis, mas aquela que se tornou um dos *símbolos da mulher*, em larga parcela do planeta. As “teogonias velhíssimas” parecem deslocar-se do âmbito do paganismo (de Hesíodo, por excelência) para o campo judaico-cristão, sem dúvida mais moralista, mas claro que não isento de sexualidade (até em razão do moralismo).



Na segunda estrofe a “prima” faz coisas bem específicas, “mundanas”, mais associáveis ao teor do conceito de objeto dinâmico: “Naquele inverno / Tomaste banhos de mar / Visitaste as igrejas / (Como se temesses morrer sem conhecê-las todas) / Tiraste retratos enormes / Telefonavas telefonavas...”.

A mulher-prima de “Palinódia” toma “banhos de mar”. Provavelmente, o seu primo-sujeito lírico a vê em tal situação, mas nada indica que exista uma relação de *intimidade* entre os dois: das quatro ações enumeradas na estrofe (no paralelismo “Tomaste”, “Visitaste”, “Tiraste”, “Telefonavas”), nenhuma parece revelar uma proximidade sua maior com a prima (querida com ânsias “viscerais”, sem dúvida). O que se insinua aqui, de novo, é o ciúme. Em toda esta estrofe, o eu poético sequer uma vez tem um signo que o represente, ao contrário do que ocorre nas duas restantes. A propósito, vale destacar o verso reiterativo: “Telefonavas telefonavas...”. Para quem? As reticências nada revelam – porém, para o eu da composição é que não parece ser. Talvez para o *outro primo*, que a “chamara”, no verso inicial de “Palinódia”: um segundo candidato a *Animus*, rival do que busca reagir na estrofe derradeira, ressaltando (de acordo com a interpretação presente) o caráter arquetípico, arcaico, da sua *Anima* ou “Prima Eva”<sup>15</sup>. Ou esta Eva (modernizada) “telefonava, telefonava” para um terceiro indivíduo (e até mais pessoas!), o que não melhora a situação de inferioridade do “primo”-eu lírico.

Em nossa argumentação final a respeito da validade da leitura que destaca o surgimento (semivelado) de Eva em “Palinódia”, recor-

---

<sup>15</sup> Relevante que, para Jung, juntamente com Helena, Maria e Sofia, Eva tenha personificado a figura de *Anima*. “Primeva”.

remos ao fator do *ludismo*. Outra vez a terceira estrofe. Realcemos tão só as repetições com as quais o autor nela *jogou*: “prima / prima de prima / Prima-dona de prima / – Primeva”.

No termo composto “Prima-dona”, o poeta (ou)viu uma “prima”, o que, fora do contexto da composição, dificilmente notamos. Com ou sem a intenção consciente de Manuel Bandeira, o poema nos induz a nele perceber uma “Eva” primordial. Para tanto, basta (p)e(r)scutar o texto com a atenção que ele requer. Em termos mais técnicos, menos lúdicos, digamos agora que o par “prima”/“Prima-dona” baseia-se na figura denominada *parequese*: associação de dois ou mais termos fundamentada em verdadeira etimologia atuando no conjunto. Pode-se deslizar daí para a *paronomásia*, o equívoco verbal, fundamentado na associação de vocábulos através das semelhanças envolvendo só os significantes: o par “Primeva” (vocábulo explícito)/“Prima Eva” (expressão implícita) baseia-se em tal figura.

Em *Itinerário de Pasárgada* Manuel Bandeira narra as condições em que parcela de “Palinódia” foi escrita, a gênese desta obra: durante o sono!

[...] Ao despertar, me lembrava ainda nitidamente dos quatro último versos:

... não és prima só  
Senão prima de prima  
Prima-dona de prima  
– Primeva.

e vagamente dos primeiros:

Quem te chamara prima  
Arruinaria em mim o conceito

De teogonias velhíssimas

Todavia viscerais.

Para completar o poema tive que inventar a segunda estrofe, que não saiu *hermética*, como a *primeira* e a *terceira*. Achei que seria melhor isso que fingir obscuridade, coisa que jamais pratiquei (BANDEIRA, 1997, p. 356).

Relatos de tal espécie (de criadores não apenas do campo literário) precisam ser lidos com reservas, não só quando se trata de autoavaliações: também as narrativas das circunstâncias que cercaram a *produção* desta ou daquela obra costumam revelar-se distorcidas, não, necessariamente, por má-fé autoral, mas por autoengano. Dito isto, a presente descrição de Bandeira nos soa razoável.

A relativa obscuridade das estrofes primeira e terceira do texto (que o contamina como um todo, atingindo também a segunda, por contiguidade) é o fator resultante do predomínio mais “nebuloso” da *potencialidade de objeto(s)*, quando a mente criativa, ao invés de dela extrair enunciados de maior clareza, de mais fácil intelecção, em seus “estalos” autorais (como em “Piscina”), dali obtém elementos superpostos, “embaralhados”: relações de parentesco, sexualidade, ciúmes, arquétipo feminino, tudo isto parecendo achar-se mesclado no inconsciente de Bandeira, tanto na sua parcela individual (freudiana), quanto no contato desta com a dimensão coletiva (junguiana).

O campo do sono (dos sonhos) é um excelente local para o galope, lento ou acelerado (ou ambos: 0 e 1...), da potencialidade de objetos.

## Referências

ARISTÓTELES. *Física I e II*. Prefácio, tradução, introdução e comentário de Lucas Angioni. Campinas: Unicamp, 2009.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

BACHA, Maria de Lourde. Peirce e Cantor: um diálogo à luz da história da ciência. *CASA. Cadernos de Semiótica Aplicada*. Disponível em: [www.sbhcc.org.br/resources/anais/10/1343750737\\_ARQUIVO\\_Peirce\\_e\\_Cantor\\_SNHC\\_31-7-2012.pdf](http://www.sbhcc.org.br/resources/anais/10/1343750737_ARQUIVO_Peirce_e_Cantor_SNHC_31-7-2012.pdf). Acesso em: 03 jun. 2013.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

BANDEIRA, Manuel. *Seleção de prosa*. Organização de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BRESSAN, Renato Teixeira. Sinequismo, humano e interatividade. Disponível em: [www.encipecom.metodista.br/...php/Comunicação\\_e\\_Tecnologias\\_Digitais](http://www.encipecom.metodista.br/...php/Comunicação_e_Tecnologias_Digitais). Acesso em: 26 jul. 2012.

CHAUVIRÉ, Christiane. *Peirce et la signification: introduction à la logique du vague*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

DICIONÁRIO Aurélio eletrônico século XXI. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Lexicon Informática/Nova Fronteira, 1999.

FREIRE JR., Olival et al. *Teoria quântica: estudos históricos e implicações culturais*. Campina Grande: Eduerp, 2010.

GOSWAMI, Amit; REED, Richard E.; GOSWAMI, Maggie. *O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material*. 2. ed. 1ª. reimpr. Tradução de Ruy Jugmann. São Paulo: Aleph, 2010.

HUISMAN, Denis. *Dicionário dos filósofos*. Tradução de Cláudia Berliner et al. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles Sanders Peirce*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos*. 2. ed. Tradução de Lúcia Mathilde E. Orth. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

KAKU, Michio. *Mundos paralelos*. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MACHADO, Kleber Daum. *Equações diferenciais aplicadas à física*. Ponta Grossa: UEPG, 1999.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia*. Introdução, seleção e tradução de Leônidas Hegenberg e Octanni Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1972.

PESSOA JR., Osvaldo Pessoa. *Conceitos de física quântica*. São Paulo: Livraria da Física, 2003. v. I e II.

PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos*. 2. ed. Tradução de Beatriz Rodrigues Barbosa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

PIGNATARI, Décio. *Semiótica e literatura*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

PINTO, Julio. *1, 2, 3 da semiótica*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

POPPER, Karl. *Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária*. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

ROMANINI, Vinicius. *Semiótica de Peirce / Minute Semeiotic*. Disponível em: [www.minutesemeiotic.org/?p=38&lang=br](http://www.minutesemeiotic.org/?p=38&lang=br). Acesso em: 03 jun. 2013.

SANTAELLA, Lucia. *A assinatura das coisas: Peirce e a literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: semiose e autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.

SEIFE, Charles. *Decodificando o universo*. Tradução de Talita Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

TIERCELIN, Claudine. *Peirce et la signification*. Paris: Press Universitaires de France, 1995.

TIERCELIN, Claudine. In: HUISMAN, Denis. *Dicionário dos filósofos*. Tradução de Cláudia Berliner et al. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 755-760.

Recebido em 13 de fevereiro de 2013

Aprovado em 29 de maio de 2013